

LINHA viva

Nº 287
30/09/94

A c o r d o

Foto: Gastão Cassel



Depois de 10 dias de greve, eletricitários da Celesc fecham acordo com garantia de emprego

**Festa e lançamento
de livro no aniversário
do Sinergia**
Pag. 3

**Como está a campanha
salarial na Eletrosul**
Pag. 6

**Detalhes e imagens
da greve da Celesc estão
na página central**

**CUT tem propostas para
o futuro presidente**
Pag. 8

EDITORIAL Apelo à cidadania

Chegamos ao final da primeira etapa do processo eleitoral, onde teremos um esboço da nova cara do Brasil. Um novo Congresso, uma nova Assembléia Legislativa estarão compostos, definindo os primeiros traços de nosso novo perfil político. A fisionomia propriamente dita, ao que tudo indica, vai esperar o segundo turno para aparecer.

Esta não é uma eleição qualquer. Sua importância não se dá apenas pelo número de cargos que vai preencher. Sua relevância e repercussão histórica se dá pela clara disputa entre dois projetos que desde o início do processo se contrapõem. A natureza dos projetos se explicita pela própria composição das alianças, da trajetória dos candidatos, dos compromissos.

Por isso esta eleição é uma convocação à cidadania e à consciência. Votar é fundamental, pois protestos como a nulidade de voto ou voto branco nada mais fazem do que perpetuar a situação, proteger os poderosos de sempre. O voto tem que ser resultado do exame profundo das propostas e coerência dos candidatos. Não pode ser uma escolha definida pela amizade, a proximidade ou qualquer outro critério que não seja a atuação nas lutas políticas da sociedade.

O tamanho e a importância desta eleição fazem dela a eleição da esperança. Tomara que ela seja uma definitiva afirmação da cidadania, que seja uma continuidade das históricas batalhas das diretas já, do impeachment, e de tantas outras que, independente de sua extensão, reivindicaram a plena cidadania.

Que neste três de outubro seja uma festa da cidadania e da consciência. O Brasil precisa disso.

EXPEDIENTE

Linha Viva é uma publicação semanal da Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina com tiragem de 7.500 exemplares. Conselho Editorial: Fábio Pedro Dal Bó, Arno Veiga Cugnier, Mauro G. Passos, Glauco C. Marques e Luiz Cézare Vieira. Editores: Gastão Cassel (DRT/RS 6166) e Marli Cristina Scomazzon (DRT/RS4966). Ilustrações: Frank Maia. Diagramado e composto na Estação de Editoração Eletrônica do Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis. Impressão: Gráfica do Jornal Diário Catarinense. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC. CEP: 88015-030. Fone (0482) 22-3866. Telefax: (0482) 23-5596. Cartas para a Tribuna Livre não podem ter mais de 30 linhas, e sua publicação fica a critério dos editores. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

Greves contra arrocho do Real

A Polícia Federal responde às greves que estão acontecendo em todo país com o mesmo nervosismo que toma conta do governo Itamar. Na quarta-feira um líder sindical, funcionário da CEF do Rio de Janeiro foi preso pela Polícia Federal quando participava de um piquete. Pouco depois, uma colega sua foi agredida pelos mesmos policiais quando tentava convencer uma colega a participar da greve. Numa cidade violenta como o Rio de Janeiro, causou revolta aos cariocas a designação de tantos policiais para reprimir piquetes enquanto que traficantes, ladrões e suas gangs andam livremente pela cidade.

Esta semana entraram em greve no país bancários e petroleiros. A adesão à greve dos petroleiros foi de quase 90%. Eles reivindicam reposição salarial de 108,36%, mas a Petrobrás - que há dias atrás falou até em baixar o preço dos combustíveis devido aos grandes lucros que vem tendo - só quer dar 13,39%.

Apesar da ordem do TST de manter em funcionamento as unidades de produção de combustível com 30% da mão de obra, em muitos lugares não foi possível manter o acordo por culpa dos dirigentes da Petrobrás. É o caso da refinaria Paulínia. O superintendente fez um acordo com o sindicato e estavam sendo escolhidos os trabalhadores que participariam do rodízio, quando descobriram que o superintendente havia "acrescentado" algumas

cláusulas no acordo, entre elas de que a empresa é que escolheria os empregados que ficariam de plantão.

Os bancários da CEF reivindicam perdas salariais entre setembro de 93 e agosto deste ano, num total de 119%. A direção da Caixa só reconhece a inflação pós Plano Real: 13,56%. Os bancários do Besc, em greve deste terça-feira, decidiram abrir duas agências em Florianópolis, na quinta-feira, para

pagamento dos servidores públicos estaduais.

Os trabalhadores da Copel fizeram assembleia na quinta-feira, para examinar a proposta da empresa de reposição de 13,56% (IPC-r), 6% de produtividade pagos em três vezes e uma remuneração referente ao mês de outubro, a ser paga também em três parcelas. Segundo os sindicatos, os empregados tendem a aprovar a proposta.



As máscaras do Plano Real

Deu no jornal Gazeta Mercantil de ontem: "A equipe econômica mal teve tempo para comemorar o resultado apurado pelo IBGE para o IPC-r de setembro, de 1,51%. As preocupações já estão voltadas para a possibilidade de uma onda de remarcação de preços depois das eleições da próxima segunda-feira. Há sinais de que supermercados e setores atacadistas prepararam-se para inflar seus preços, num movimento muito parecido com o que ocorreu às vésperas do real. A perspectiva com que trabalham esses empresários é de que Fernando Henrique Cardoso vença as eleições no primeiro turno, afastando o fantasma petista de Luiz Inácio Lula da Silva e deixando-os à vontade para voltar à velha prática".

Perseguição, Não!

A Intersindical está de olho nos engenheiros Dalni Macedo e Laerte, da Celesc de Videira, que colocaram à disposição do administrador da agência o supervisor do COD porque este participou ativamente das últimas greves. Os engenheiros também não permitiram que um eletricitista grevista retornasse ao trabalho. Dalni está em Videira há apenas 4 meses. Laerte, ex-demitido das cooperativas, foi reintegrado por ação da Intersindical.

Fora da água

Os companheiros de São Bento e Jaraguá perderam a oportunidade de participar da maior greve na história da Celesc. A solidariedade não está apenas em receber o benefício do acordo, fruto da luta dos outros. É lamentável!

Também na Eletrosul

A diretoria da Eletrosul aprovou a realização do Programa de Prevenção e Tratamento à Dependência do Alcool e de Outras Drogas, pelo qual os sindicatos vem lutando há muito tempo.

Sinergia lança livro e faz festa no seu aniversário

Uma festa animadíssima marcou a passagem do 33º aniversário do Sinergia, dia 27, na própria sede do sindicato. A rua foi fechada e cerca de 500 pessoas participaram do show do grupo Vela Aberta e presenciaram a apresentação do grupo Olho da Rua, que contou de forma satírica a história do Sinergia.

O ponto alto da festa foi o lançamento do livro **(Re)inventando a Cidadania**, que é resultado de dois anos de pesquisas no Núcleo de História do Trabalhador do Curso de História da UFSC sobre a história do Sinergia. Os pesquisadores (alunos e professores) passaram vários meses analisando documentos do Sinergia desde a sua fundação, realizando entrevistas, além de exaustiva pesquisa em jornais de época e bibliografia.

O trabalho foi coordenado pelas professoras Joana Maria Pedro e Bernardete Ramos Flores, que durante a festa autografaram a publicação. O diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, Luiz Fernando Scheibe, falou em nome da instituição, salientando a importância da Universidade se aproximar de outras entidades da sociedade civil. "Assim como vocês lutam contra a privatização da celesc e da Eletrosul, nós lutamos pela garantia do ensino público e gratuito e contra a privatização das universidades", relatou Scheibe.

O Sinergia homenageou seus primeiros filiados que chegaram a se emocionar com o fato de terem sido lembrados. "Eu nem sei o que dizer, nunca pensei que fossem lembrar de mim", disse Leodolino Linhares com a voz embargada.



Autores representam parceria com a UFSC



Descontração marcou a festividade



O livro **(Re)inventando a Cidadania** está sendo vendido na sede do Sindicato ou nos locais de trabalho com diretores da entidade. Custa R\$ 5,00 e aceita-se cheque para 15 de outubro.



Leodolino: "nem sei o que dizer"



Teatro: história com humor

Josué Correia

Josué Correia

Assembléias decidiram voltar ao trabalho

Depois de 10 dias de luta, as assembléias de todo o estado resolveram aceitar a proposta da empresa, assinar o Acordo Coletivo e voltar ao trabalho às 13h30min de hoje. Pelo acordo os eletricitários terão reajuste de 20,95% (IPC-r de julho a setembro + 2,41% + 4% de produtividade), garantia de emprego até 1º de outubro de 95, abono de 75% do salário-base de setembro e a reserva matemática para as mulheres fundadoras da Celes.

Na avaliação da Intersindical este acordo - embora não repõe todas as perdas - é o acordo possível dentro de uma conjuntura em que os governos federal e estadual estão jogando tudo no arrocho salarial para defender o plano real. Comparativamente,

foi o melhor acordo do setor elétrico depois da vigência da nova moeda. A greve, por ser um movimento de resistência ao arrocho, acabou afrontando diversos escalões do poder.

Uma das conquistas mais significativas é a garantia de emprego, que vai garantir estabilidade, especialmente durante transição de governo, evitando-se eventuais perseguições.

Por outro lado, esta greve acaba mas deixa a categoria em estado de alerta para voltar à luta assim que forem contabilizadas novas perdas. Mais uma vez os trabalhadores da Celesc mostraram seu espírito combativo e solidário, dando um exemplo de união, maturidade e capacidade organizativa.



Última assembléia reuniu grevistas na Agência Fpolis

Greve afrontou o plano Real

A greve dos trabalhadores eletricitários ajudou a revelar o quanto o plano Real faz mal aos salários, batendo os recordes de confisco levantados pelos planos Cruzado, Bresser, Verão e Collor.

O movimento não aconteceu sozinho nem isolado. Diversas categorias como petroleiros, bancários, têxteis e trabalhadores da Agricultura em SC estão em luta, algumas inclusive permanecem em greve. A razão das greves: arrocho salarial.

O achatamento de salário é peça chave do plano. Sem salário não há consumo, a economia pára, e troca-se a inflação pela recessão, preservando-se os lucros dos grandes grupos industriais e financeiros. É como se Delfin Neto estivesse de volta dizendo que salário gera inflação.

Por baterem de frente com o plano, estas greves estão recebendo um tratamento duro. Derrotá-las significa, para o governo garantir a integridade do plano por mais algum tempo, pelo menos até as eleições...

Greve garante assinatura de ACORDO COLETIVO

Foi a maior greve da história da Celesc, com índice de paralisação geral acima de 90%. Regiões e setores que tradicionalmente não participavam de movimentos acabaram aderindo. O eletricitários confirmaram sua consciência, unidade e espírito de luta.



Passeta fechou o trânsito de uma das principais avenidas de Florianópolis



Olheiro da empresa sempre presente

Garantia de emprego é a principal conquista

Há seis anos a garantia de emprego não entrava no Acordo Coletivo do Celesc, sendo assegurada através de carta-compromisso. A greve recolocou a Garantia no seu devido lugar, com mais força, significando mais segurança para os trabalhadores, especialmente num momento de transição de governo.

O governo têm, sistematicamente, procurado evitar a garantia de emprego, pois ela é um entrave aos processos de priva-

tização. Foi a força da greve que assegurou este direito. Outras estatais, como a Eletrosul, liquidaram com a Garantia.

Pode-se dizer que a Garantia é sinônimo de tranquilidade para os trabalhadores, que poderão desenvolver suas atividades pensando no melhor desempenho, na função social da empresa. Garantia de Emprego é, também, um seguro contra a rapinagem e a politicagem nocivas à Celesc.



Concentração na sede: muita gente desde o primeiro dia

Intransigência foi característica da diretoria da Celesc

Durante todo o tempo da greve foi impressionante a intransigência da diretoria da empresa. Ela vinha para a mesa sempre com propostas fechadas, inalteráveis. Ou seja, não iam negociar, mas apresentar propostas.

No sétimo dia de greve o Diretor Administrativo, Paulo Cesar da Silveira, chegou a enviar um fax à Intersindical encerrando as negociações. Foi preciso a intervenção do governo - que nem por isso foi flexível - para que as negociações fossem reabertas e se chegasse a termos razoáveis para os trabalhadores.

Esta conduta dos diretores poderia se transformar em um problema muito grave para o Estado. O sistema elétrico esteve em situação bastante precária, sendo atendidas as ocorrências emergenciais com equipes de voluntários. As variações climáticas agravaram o quadro.

A intransigência, no entanto, ainda não foi claramente justificada. Fala-se de divergências dentro da própria diretoria que teria como pano de fundo as eleições para governador.



Intersindical marcou presença nos protestos

TRIBUNA livre

Voto (in)útil

João Paulo de Souza
Diretor do Sinergie e Saesc

Tenho assistido ao horário político na TV e avaliado os candidatos que se apresentam ao eleitor, diariamente. Tem candidatos para todos os (des)gostos: nos pólos, os excelentes e os medíocres; entre os extremos, algumas caricaturas excêntricas.

Não falo dos excelentes, porque a excelência fala por si mesma. Escrevo sobre os medíocres, que são de duas espécies. Uma, a dos que não sabem o que falar, porque nada têm a dizer. A estes, perdoa-se; não sabem o que fazem, diz a Bíblia. Outra, a dos que repetem a cantilena, como vitrolas, ou melhor, ventríloquos das cúpulas partidárias. Despolitizados, na contramão dos tempos, desprovidos de senso crítico, fazem da sua necedade mercadoria eleitoral mal embalada.

Qualquer pessoa medianamente informada sabe muito bem que voto e eleição não mudam a realidade. Voto e eleição são instrumentos da democracia representativa, invenção germinada pelos filósofos iluministas, dada à luz pela Revolução Francesa, modelada pelos movimentos socialistas do Século XIX, consagrada como valor universal pela filosofia política contemporânea, esculpida na letra das Constituições dos Estados Democráticos.

Mas, por não saberem disso, por ignorância ou má-fé, os candidatos pregam besteiras por ar e por terra. Abrem a boca e suas palavras revelam a mediocridade dourada em promessas e pseudo-compromissos. Uns pedem votos para si, o que é legítimo. Mas há (acredite!) os que, contraditoriamente, pregam voto nulo. Muitos querem o voto útil, porque política cansa, e tem que acabar logo. Em verdade, fazem política negando-a. A razão: não conseguem esconder por muito tempo o que não pode mostrar, porque cai a maquiagem e aí se revelam, inteirinhos, para o eleitor.

Muito antes deles, o eleitor bem percebeu o jogo; e se faz de indeciso. Os candidatos querem que o voto seja útil para si; o eleitor quer o voto útil para a sociedade, porque quer a democracia, acredita nela como valor universal, meio e fim da política no Estado Democrático de Direito. Pregam o voto nulo ou branco, porque todos são iguais, ou o voto em quem vai ganhar, ou em quem é amigo do "rei" ou do "príncipe" ungido pela mídia ou pelas pesquisas, é fazer da política um espetáculo circense, no qual o palhaço é quem está na platéia e não no vídeo.

Chamo a atenção do eleitor para não pagar, com seu voto, ingresso num circo cuja arena perambula, pintada em cores mil, a mediocridade. Com consciência da cidadania, democracia efetiva, onde sejam prevalentes os valores éticos e a justiça social. Livre-se da (in)utilidade dos medíocres; escolha os excelentes - eles existem - mas não são facilmente visíveis, à primeira vista, embora a excelência fala por si mesma.

Eletrosul deprecia valor de investimentos em Itá

Se continuar neste caminho, a Eletrosul daqui há pouco vai ficar de fora da Usina de Itá. A empresa vem reduzindo os valores do que já investiu na obra (na última "depreciação" a perda foi de 70 milhões de dólares) e isto implica numa participação cada vez menor sua no empreendimento.

Numa carta enviada o presidente da empresa, ao Presidente da República e à Procuradoria Geral da República, dia 21 de setembro, a Intersul denuncia o procedimento, externando várias de suas preocupações. Uma delas é de que "se numa condição particularmente favorável como é o caso de Itá, a Eletrosul cede facilmente aos apelos de grupos interessados, sem uma forte justificativa, como serão conduzidas as futuras negociações deste e de outros empreendimentos, até mais complexos, como o de Jacupé?" Outra pergunta que os sindicatos fazem é "Quem é que assume as responsabilidades?"

Já se sabe que a parcela de energia disponível com a conclusão da Hidrelétrica de Itá, para atender a região Sul é relativamente pequena. Itá é uma obra de custos baixos, se comparada com outras deste tipo, mas a maior parte de sua energia irá para os grandes consumidores, porque assim está assegurado no Consórcio de conclusão do projeto. Para atrair os investidores privados a Eletrosul "enxugou" os gastos já feitos no empreendimento o que diminuiu o retorno do que teria assegurado, em relação a seus parceiros.

Apesar disto, recentemente a Diretoria Executiva da Eletrosul aprovou mais uma redução dos valo-

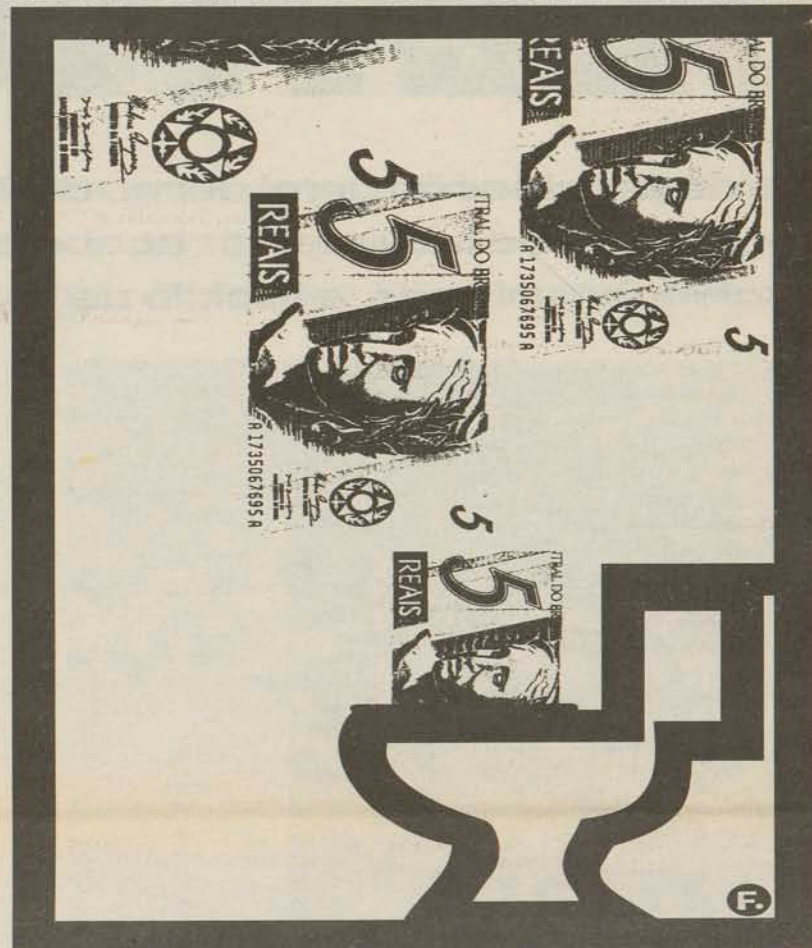
res dos investimentos da empresa na obra, e isto reduz ou mesmo inviabiliza o retorno do que já gastou com a hidrelétrica. Daqui há pouco a empresa não terá mais participação nenhuma na hidrelétrica e o dinheiro que já investiu, tirado dos cofres públicos, que deveria retornar em forma de energia com tarifas aceitáveis ficará todo com a iniciativa privada.

Só mobilização garante sucesso desta campanha

No primeiro encontro para negociar a pauta de reivindicações dos empregados, a Eletrosul se mostrou disposta a negociar oito cláusulas: uma pauta à Intersul com as cláusulas da extensão de direitos, isonomia entre as áreas, empresa (exame de saúde periódico, auxílio creche, horas-extra, reembolso médico, conceituação de remuneração e serviços de credenciamento médico, programa de manutenção), recuperação de dependentes de drogas, assistência social e psicólogo.

A reunião aconteceu dia 21 de setembro na sede da empresa e os representantes da ART (Assessoria de Relações Trabalhistas), Laércio

A próxima rodada ainda não foi marcada. A Intersul alerta a categoria de que a única garantia do sucesso desta campanha é a mobilização. Todos devem estar alertas, usando adesivos e camisetas. A hora de defender a empresa é agora.



Candidatos mostram mais imagem que essência

Gastão Cassel
Do Linha Viva

Durante sua passagem pelo Horário Gratuito de Rádio e TV, os presidenciáveis, fizeram um esforço descomunal para se aproximar dos desejos dos eleitores, para fixar uma determinada imagem. Imagem, aliás, é a palavra chave do marketing político moderno, orientado pelo funcionalismo norte-americano. Por isso, para conhecer bem um candidato não dá para ver só o que aparece na telinha, é preciso entender porque determinada cena, determinado gesto, determinada palavra foi para a telinha.

Praticamente todos os candidatos alteraram rumos durante a campanha, mudaram o enfoque de seu programa, procurando acompanhar o ritmo dos acontecimentos. Alguns acabaram perdendo a sua identidade e "sumindo" do contexto geral do programa. Esperidião Amin é um deste: começou a campanha com o nariz empinado, falando de suas realizações em SC, ensaiou ataques à FHC, procurou se credenciar como o seu adversário no segundo turno, mas acabou abatido e desnortado.

Hoje Amin tem um programa meio anacrônico, evidenciando que sua jogada de concorrer à presidência não deu certo. Perdeu espaço político no seu estado, vê a candidatura de sua mulher ao governo descambando e, o que é pior, Jorge Bornhausen erguendo uma parede entre ele e FHC. Situação bem difícil que, na TV, se transformou em apatia e falta de identidade.

Outro que saiu pela tangente é Brizola. No início estava firme em seu discurso populista, falando de segurança e educação, perdas internacionais e tudo aquilo que já estamos acostumados a vê-lo falar de dentro de sua camisa azul-clara. Fez discursos fortes contra FHC, simulou ataques à Lula, mas foi perdendo o rumo durante a campanha, até chegar em um discurso ambíguo onde esqueceu de suas diretrizes pro-

gramáticas para bater desordenadamente em FHC e Lula. Urra como um leão desdentado, propalando a "fraqueza" de Lula, servindo objetivamente à imagem de vitorioso que FHC está buscando.

Enéas, Fortuna e Carlos Gomes ficaram ali marcando posição. Não tiveram alterações nos rumos nem nas estratégias. Com exceção de Enéas (veja matéria ao lado), pouco significaram no contexto geral da campanha.

Orestes Quércia fez um dos melhores programas do horário gratuito, ocupando bem o tempo avantajado que teve. Começou em tom educado mostrando suas obras, seu sorriso, sua "experiência e competência". Nunca usou muitos recursos eletrônicos (aliás foi o único dos grandes partidos que não deu pequenos dribles na legislação). Mas no decorrer da campanha, quando se viu sem perspectivas e abandonado por boa parte de seu partido, abandonou o tom de "realizador" e foi para a ofensiva política, denunciando FHC e suas contradições.

O lance de Quércia foi combinar a crítica ao Plano Real com a campanha pelo reajuste salarial: "12% já". Seus últimos programas se dedicaram a esmiuçar a crítica à FHC, e isso foi feito com extrema clareza e didática. No entanto, não consegue se credenciar como o anti-FHC, mas é mais eficiente que Brizola, inclusive na construção de alianças para o 2º turno. Quércia desmontou seu aparato de campanha de rua, praticamente está só na TV, lançando pontes para resgatar pedaços do seu esquartejado PMDB.

Mas é entre Lula e Fernando Henrique que as atenções se dividem. A polarização é evidente. FHC tem sido extremamente disciplinado, obedecendo às orientações dos marqueteiros americanos que querem fixar a imagem de um homem progressista, preparado, capaz de articular o país a nível internacional. Lula depois de um início "sem sal" recuperou uma fala mais contundente, com a câmara mais fechada so-



bre o candidato, buscando aproximação com o eleitor.

A estratégia de FHC é arrebatrar a simpatia dos "descamisados", e para isso tenta sensibilizá-los como a projeção, da imagem oposta: quem não teve estudo encontra um homem letrado, quem não tem dinheiro encontra um vitorioso, e assim por diante. Daí abun-

da imagens de um professor de óculos em seu escritório, caneta em punho, livros no cenário, etc... Aliado a isso, fala para a classe média como o arauto da segurança e da estabilidade.

Do ponto de vista político, FHC não conseguiu responder aos ataques sobre a sua aliança com o PFL e, por isso, jogou tudo na polarização em torno do Plano Real. Do ponto de vista programático não conseguiu ir além de propagandear a moeda, de reivindicá-la e de falar genericamente de uma revisão constitucional, cujo conteúdo jamais é explicitado. Na época da parábola perdeu seu tom professoral para atacar Lula e se desvencilhar das acusações. Acusa Lula de radical, despreparado e carrasco do Plano Real.

A Campanha de Lula pegou embalo mesmo depois do "flagrante parabólico". Os produtores do programa recuperaram uma característica histórica do PT que é o trabalho com a emoção, com a exaltação de sua militância. Para isso começou a ironizar FHC e fazer ataques de frente às alianças que o sustentam. Lula desistiu de falar para a classe média e colocou o leme no mesmo sentido da campanha de 89. Tem usado recursos técnicos para obter bons resultados e tem "chamado FHC para a briga", mostrando que no 2º turno vai estar na ofensiva.

Lula está se dirigindo especialmente aos trabalhadores organizados em sindicatos, às camadas mais politizadas da sociedade. Nos últimos dias conseguiu afiar o discurso com relação ao Real, que esteve confuso. O mote é o seguinte: só se combate a inflação combatendo privilégios e a corrupção. Tem usado a caravana da cidadania para se contrapor à imagem "de gabinete" do adversário.

No segundo turno a batalha de marketing deve continuar. Mas o fato de haver um confronto mais explícito deve deixar os marqueteiros e os produtores de TV menos à vontade, mais envolvidos com o ritmo de ataque e defesa que o dia a dia da disputa certamente vai impor.

O perigo do protesto sem sentido

Gastão Cassel

Uma das poucas sursurpresas deste processo eleitoral é o crescimento do candidato do Prona - Enéas Carneiro. Figura meio exótica quer ficou conhecida em 89 pela avalanche de palavras que despejava em parcos 30 segundos, este ano conseguiu um pouco mais de tempo e angariou simpatias que lhe colocaram, nas pesquisas, à frente de figuras como Esperidião Amin, Leone Brizola e Orestes Quércia.

Conseguindo mais atenção da mídia, Enéas pode revelar ao Brasil a sua verdadeira ideologia, sua con-

cepção de política. Falando de que em seu governo haveria "centralização doutrinária", ele nunca negou seu desprezo pelas instituições democráticas e até mesmo pela própria democracia. Para quem não acredita um exemplo concreto: ele pediu ao Tribunal Superior Eleitoral censura à imprensa e proibição da cobertura do processo eleitoral. É mole?

As sementes lançadas por aquele que para uns parece um gafanhoto e para outros uma aranha caranguejeira, acabaram dando alguns frutos para a sua campanha. Conseguiu, por exemplo, apoio do embrionário Partido Nacional Socialista (leia-se nazista). Sua candidatura virou uma espécie de estuário da direita mais arquetípica, dos saudos dos tempos da

repressão dura dos militares, dos arapongas, dos CCCs - Comando de Caça aos Comunistas - da vida.

O perfil facista de Enéas aparece na fúria preconceituosa com que fala da escolaridade de Lula, do elogio à tecnocracia, na exaltação da autoridade presidencial e na própria convicção com que fala que só concorre à presidência, "único cargo com poder real".

O pior de tudo é que o marketing de anti-candidato angariou votos de protesto, especialmente da juventude, que, desavisadamente vota no patético, "non sense", esquisito, para dizer que quer mudar o país. Uma ambiguidade perigosa que, se não for combatida a tempo, poderá repetir o fenômeno europeu de ressurgimento de organizações facistas e nazistas.

Quem vai explicar?

Hélio Bomfim Coimbra
Diretor do Sinergia

O brasileiro comum não tem muito tempo para fazer análises demoradas sobre o que está acontecendo nestas eleições. Estas interpretações deveriam ser feitas pela imprensa. Mas, observamos os meios de comunicação manipulando dados e informações.

Quem leu nos jornais que a candidatura de FHC estacionou na intenção de votos dos eleitores? Quem é que ficou sabendo que a campanha de Lula cresce geometricamente em todo país? Quem é que soube dos resultados de pesquisas que demonstram isto? Quem é que chamou nossa atenção para o número surpreendente de eleitores "indecisos" ou tentando a anular seu voto? Quem é que nos diz que esta é a forma mais fácil de mascarar a realidade e, depois dos resultados apontarem o contrário, culparem os indecisos pelas "viradas"?

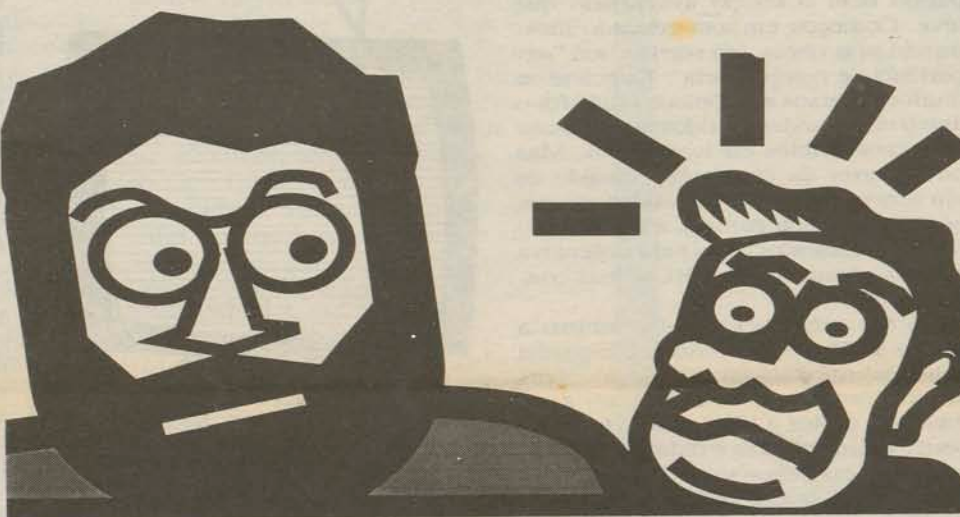
Em eleições anteriores, os "institutos de pesquisa" nos dias que antecediam as eleições "ajeitavam" os números. Mesmo assim não conseguiram explicar números "fenômenos". Os mais famosos foram o de Brizola no Rio de Janeiro e Erundina, em São Paulo, que de 4% nas pesquisas, dias antes da eleição, ga-

nhou a prefeitura paulista com uma margem mais que folgada. O próprio FHC que já se posta como eleito, não deve esquecer da foto que fez na cadeira de prefeito de São Paulo dias antes da votação. Perdeu para Jânio Quadros.

Se porém as pesquisas forem verdadeira, nada melhor que confrontá-las para ver a discrepância de re-

sultados. A Vox Populi, por exemplo, mostra esta semana que o candidato da Frente Popular cresceu 3% e o tucano FHC apenas 1%. Lula, pela pesquisa está com 28% e FHC com 31%. O instituto detectou ainda um grande crescimento da candidatura da Frente Popular em São Paulo, demonstrado no comércio com 100 mil pessoas na cidade.

(E)



LINHA **eleição**

Outra pesquisa realizada em 45 municípios gaúchos, entre os dias 12 e 15 de setembro, apontou a vitória de Lula com 34%. FHC ficou com 20%. O Instituto Soma, numa pesquisa em Brasília constatou empate entre Lula e FHC com 30%. A diferença é que pela pesquisa, em 15 dias FHC perdeu 5%. Em eleição simulada no Ceará, semana passada, Lula venceu com 69,92% e FHC atingiu somente 17,56%.

Não virou manchete também a última pesquisa do Gallup, realizada em todo país dia 20 de setembro. Ela mostra que Fernando Henrique caiu 2,2%. A maior queda, segundo o Gallup é entre as classes D e E (de 4,3%). Na classe A o tucano caiu 3,7% e Lula subiu 4,3%. Na região com maior número de eleitores, o Sudeste, FHC despençou 4%. Por isto dia 22 de setembro, o jornal O Globo alertava que "o PT já mostrou em outras eleições que é bom de chegada, costuma crescer nos dias finais, como no primeiro turno de 89". Será isto já uma explicação?

CUT tem proposta para futuro governo

A Central Única dos Trabalhadores está distribuindo por todo o país as suas principais preocupações e suas propostas para o futuro governo. Vejamos a seguir um resumo do material:

Educação:

A maioria dos professores brasileiros ganha menos de R\$ 100,00 por mês e oito milhões de crianças estão fora da escola. O Brasil só investe 3,6% do PIB em Educação enquanto que outros países do próprio Terceiro Mundo investem mais de 10%. Para a CUT a Educação é um direito básico de todo cidadão e por isto nenhuma criança pode ficar fora da escola, os professores devem ser valorizados na sua formação e receberem salários dignos, os filhos dos trabalhadores têm que ter acesso ao ensino público, gratuito e de boa qualidade em todos os níveis.

Inflação:

O Plano Real, em dois meses, acumulou 12% de perdas salariais, além dos 9% verificados na virada da URV. A CUT defende o fim da inflação através do controle de preços e do fim da ciranda financeira movida a juros altos. Quer o fim da inflação, mas não aceita que apenas os trabalhadores paguem com ônus de "mirabolantes" ajustes econômicos.

Previdência:

O governo quer acabar com a aposentadoria por tempo de serviço, desvincular os benefícios do salário mínimo e falir o INSS. A CUT propõe o combate à sonegação e à corrupção, transparência na gestão dos recursos públicos, fim do desvio de verbas da Previ-

dência pelo governo e melhoria do atendimento para aposentados e pensionistas.

Salário Mínimo:

Quando FHC assumiu a Fazenda, o salário mínimo era de R\$ 87,73. Ao sair, baixou para R\$ 64,79. Diz a Constituição Federal que nenhum trabalhador brasileiro pode ganhar menos que um salário mínimo capaz de dar-lhe condições de sobrevivência. Por isto a CUT defende que o salário mínimo tenha o valor determinado pelo DIEESE para atender as necessidades básicas apontadas pela Constituição, que seria em julho de 94 de R\$ 590,33. Para chegar a este número, deve haver uma recuperação gradual, com queda do preço da cesta básica.

Saúde:

A mortalidade infantil cresceu 30% só este ano no Brasil. O Fundo Social de Emergência, criado pelo então ministro FHC, cortou 50% das verbas que seriam destinadas à Saúde. Para a CUT a Saúde tem que ser prioridade não só nos discursos de véspera de eleição. O dinheiro destinado para a assistência médica tem que aparecer, os hospitais públicos devem ser recuperados, os trabalhadores da saúde têm que ter salário digno.

Desemprego:

O povo brasileiro nunca viveu um período tão longo de desemprego elevado. Desde 1992 a taxa de desemprego está acima de 13%. Em 93, no setor automotivo foi fechado um acordo entre empregado, patrões que aumentou a produção, salários, gerou

empregos e melhorou a arrecadação de impostos. Mas quando entrou na Fazenda, FHC boicotou novos acordos do setor automotivo, os investimentos públicos acabaram e o BNDES manteve 1 bilhão de dólares em caixa, sem qualquer aplicação. A CUT repudia estas políticas recessivas, que provocam desemprego e fome. Quer a retomada do desenvolvimento. Acordos como do setor automotivo devem ser aplicados a todos setores. Além disso, é necessária uma política de investimentos em saneamento básico, habitação popular e promoção da reforma agrária.

Setor Elétrico:

Este é um setor impermeável à participação e controle da sociedade, comandado segundo práticas autoritárias e centralizadas, que permitem a manipulação de números, distorções de prioridades, privilegiando interesses de empreiteiras, consultoras e fornecedores. Existem subsídios ilegítimos ou inadequados, com favorecimento de grandes consumidores. Por isto a CUT quer que o setor continue sendo coordenado pelo Estado, priorizando o serviço público e considerando a entrada de produtores independentes e a formação de consórcios autoprodutores. A participação da iniciativa privada na expansão do sistema deve ser considerada a partir de regras claras e bem definidas do regime de concessões e dos processos de licitação, garantida a preservação do interesse público.